

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| ***Estudante:*** | | | | |
| ***Turma: 9º ano*** | ***Turno:*** | ***Data de Aplicação:*** | | ***1º Bimestre*** |
| ***Prof(a). Samara Lima*** | | |  | |
|  | | | | |
| ***Lista 5 de Atividades de Língua Portuguesa*** | | | | |
| **Conteúdos**: interpretação textual (conto policial). Predicado verbal, adjuntos adverbiais e colocação pronominal. | | | | |

**SOCIEDADE & TRAGÉDIA**

Sinceramente, eu não tinha razões para matar o Dibinho. Quando discuti com ele no bar do Michel, procurei convencê-lo a não se meter com Pola, porque isso poderia arruinar a sociedade. Pola era a pequena do Aurélio. Éramos os três, Aurélio, Dibinho e eu, sócios em atividades, injustamente chamadas de escusas. Sim, porque um golpe em um milhão de velhacos bookmakers, por exemplo, não pode ser chamado de negócio desonesto. Esse caso foi assim: Eu joguei em São Paulo, no primeiro páreo do Rio, que tem pouco movimento; Aurélio armou o negócio na Gávea, e Dibinho, quinze minutos antes do páreo, cortou os fios telefônicos entre as duas cidades. Os banqueiros não puderam descarregar o jogo. Nada de irregular, quem rouba ladrão...

Ora, uma sociedade que funcionava com essa eficiência corria o risco de perecer se Dibinho continuasse empenhado na conquista de Pola. Aurélio de fato não era homem para a mulher que tinha... Mas isso é outra história. Ele cuidava com honestidade da administração da “firma”, e naquela época, encontravam-se em seu cofre os brilhantes provindos da nossa atividade em Goiânia.

Como ia contando, naquela noite a coisa azedou no bar do Michel. Os garçons e alguns fregueses notaram a ardência da nossa conversa. Percebi que o uísque influía demais nas opiniões, fazendo perigar ainda mais a sociedade. Cortei a discussão e saí do bar, com o intuito de retomar o assunto no dia seguinte, em condições normais.

Não ouve dia seguinte: Dibinho foi assassinado.

No Edifício Cairo, onde nos conhecemos, cada andar corresponde a um apartamento. Dibinho morava no último, eu no oitavo e Aurélio no sétimo. Mais ou menos ao meio-dia, diversos inquilinos aguardavam a descida do elevador automático, quando ouviram um estampido.

Alguns segundos depois, chegava o elevador, abrindo-se a porta: Dibinho estava deitado no fundo, com o corpo encolhido, como dormem os pobres à beira dos portais.

Desci pelas escadas ao sétimo andar, logo que o zelador do prédio me comunicou, pelo telefone, o acontecimento. No apartamento de Aurélio, ninguém atendeu aos seguidos toques de campainha. Continuei, então, descendo, a escadaria e cheguei ao saguão [...] Lá estava o Dibinho, cuja esperteza só mesmo um revólver seria capaz de dominar. Na mão direita, de costas apoiadas no chão, via-se, entre os dedos, um botão comum, do qual pendiam fiapos de tecido. Quem matara Dibinho? Passando a prestar atenção aos comentários, ouvi dizer que o elevador estacionava no oitavo andar, quando se percebeu o tiro. [...].

A princípio, não liguei importância a esses fatos; mas quando voltei ao apartamento para buscar meu paletó, notei num casaco esporte, a falta de um botão de cuja perda não me lembrava, por mais que acusasse a memória. Refleti então sobre estas extraordinárias coincidências: a discussão no bar do Michel, o elevador no oitavo andar, a falta do botão. [...] Decidi esconder o casaco. Quando desci para o saguão, a polícia ainda não chegara. Um guarda civil postado à entrada do prédio, tomava o nome das pessoas que se retiravam, exigindo prova de identidade. [...] Precisava encontrar Aurélio. Entrei numa confeitaria e telefonei para o bar. Disse-me o gerente: “A polícia andou por aqui, indagando a vida de vocês. Ficou sabendo do seu bate boca com o Dibinho”. Mais tarde consegui falar com Aurélio pelo telefone. Também fora procurado pela polícia. Achou a coisa muito preta e me aconselhou a fugir.

Numa farmácia, adquiri pastilhas sedativas: seria penoso conciliar o sono no estado de nervos em que me achava. Além disso, o dia seguinte, com certeza, requisitaria de mim muita calma, argúcia e coragem. Ao despertar, ainda estremunhado [...] fiz uma ligação para o apartamento e a empregada me deu a notícia: A polícia lá estivera bem cedo, dando uma busca em regra. E o pior: tinham encontrado meu casaco escondido [...] pensei na hipótese de os botões não serem idênticos. Era a minha única salvação. [...] Vieram os jornais da tarde: os botões eram iguais. Mais do que isso: os fios pertenciam ao tecido do meu paletó.

[...] Sentado, agora, neste catre de prisão, a olhar o céu riscado de barras de ferro, relembro as considerações que fiz naquele tormentoso dia. A série de circunstâncias desfavoráveis me aniquilava, a culminar pela descoberta do paletó. Como poderia eu justificar-me? Jamais, jamais conseguiria demonstrar minha inocência. Os indícios contra mim eram absolutos [...]. Sem testemunhas, sem provas, como poderia eu mostrar à polícia o verdadeiro criminoso? [...] Estava perdido. Nada podia fazer... a não ser o que fiz: enterrei seis balázios no corpo de Aurélio. Ele planejara ficar com Pola e os brilhantes. Era demais, positivamente...

**COELHO, Luiz Lopes. Sociedade & Tragédia. In: A morte no envelope: 18 histórias de mistério. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d, p. 104**.

**ATIVIDADES**

1. O gênero conto policial tem como característica um mistério a ser desvendado com base em pistas deixadas pelo criminoso. Sabendo disso, responda as seguintes questões interpretativas do texto.

a) Onde o narrador está no momento em que conta a história? Por que ele está nesse lugar?

b) Qual o mistério do conto?

2. O narrador é acusado de assassinar seu colega Dibinho. Quais são as provas que levaram a polícia a incriminá-lo?

3. De acordo com a polícia, todas as provas encontradas incriminam o narrador. Contudo, o narrador chama esses indícios de “extraordinárias coincidências”, buscando se defender da acusação. Pensando nisso, responda a seguinte questão:

a) O narrador poderia chamar essas provas de “extraordinárias coincidências” com o objetivo de disfarçar sua culpa? Justifique sua resposta.

4. O narrador afirma que ele e seus colegas formavam uma sociedade. Sabendo dos fatos que ocorreram na história, justifique o título do conto “Sociedade & Tragédia.

5. Com base no interesse amoroso do narrador por Pola, ela pode ser considerada um dos motivos do assassinato de Dibinho e Aurélio? Justifique sua resposta.

**GRAMÁTICA**

6. Encontre no texto adjuntos adverbias ou locuções adverbiais (modo, tempo, meio, lugar etc).

7. Encontre no texto dois exemplos de ênclise e dois exemplos de próclise. Depois explique se a regra está correta ou não.

8. No parágrafo 9 há uma oração que apresenta sujeito determinado e colocação pronominal em próclise. Identifique essa oração.

9. Nas orações “Ele **cuidava** com honestidade da administração da ‘firma’” e “Os garçons e alguns fregueses **notaram** a ardência da nossa conversa”, os verbos em destaque tem como complemento objeto direto ou indireto?

10 Qual a função sintática da expressão “com honestidade” na primeira oração?

10. Explique a colocação pronominal em: “A série de circunstâncias desfavoráveis me aniquilava”.

11. Identifique dois objetos diretos no seguinte trecho:

“Na mão direita, de costas apoiadas no chão, via-se, entre os dedos, um botão comum, do qual pendiam fiapos de tecido.”